

Qualidade: o remédio mais eficaz

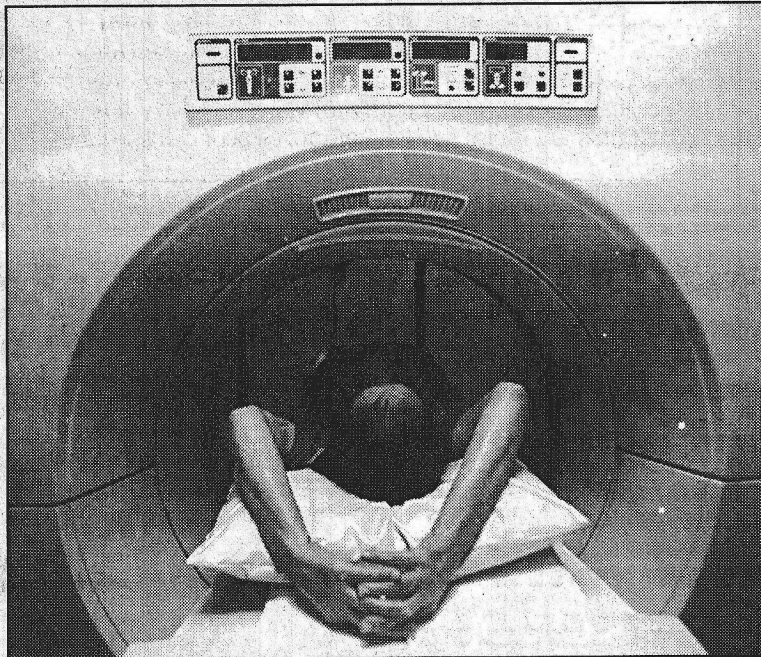
Márcia Foletto

Instituto do Câncer tem até o ISO 9002

Quando o Rio era a capital do país, os hospitais públicos da cidade eram modelos de eficiência. Com a mudança da capital para Brasília, o quadro foi se deteriorando, até chegar perto do caos. Mas uma palavra está mudando esta situação: qualidade. O Instituto Nacional do Câncer (Inca) é o melhor exemplo: foi um dos primeiros a receber o certificado ISO 9002. O hospital foi também o primeiro da rede pública a adotar um programa de qualidade total.

Centro de referência no tratamento, pesquisa e diagnose de câncer, o Inca adotou o programa de qualidade há dois anos. Com equipamentos modernos e tecnologia de última geração, o instituto é a imagem oposta do quadro caótico da saúde no país, fazendo lembrar os grandes hospitais públicos de outros tempos.

Segundo o diretor-geral do Inca, Marcos Moraes, enquanto nas indústrias os programas de qualidade visam a diminuir os custos e a aumentar a eficiência, nos hospitais,



O Instituto do Câncer: modernidade após um gerenciamento eficaz

mais do que isso, o objetivo é atender cada vez melhor aos pacientes.

O diretor diz que não tem como quantificar a redução de custos que vem sendo obtida com o programa, mas cita como exemplo o fato de que o orçamento de todo o sistema deste ano é de US\$ 110 milhões, o mesmo desde 1989, quando o instituto era apenas Hospital

do Câncer. Desde 1991, o Inca passou a coordenar a política nacional de combate ao câncer em todo o país, unificando as ações neste sentido, que antes eram pulverizadas por vários órgãos, prejudicando os resultados.

Entre os privados, o Hospital Adventista Silvestre, a Clínica São Vicente e o Panamericano são alguns exemplos de

centros médicos que estão implantando ou concluíram programas de qualidade.

Segundo João Maurício, da News Eventos, no passado os hospitais do Rio reinavam absolutos no quesito qualidade, quando o Rio era a capital do país. Havia grandes hospitais, principalmente de servidores, equipados com tecnologia de ponta. Havia também hospitais de classes, onde membros de categorias associadas podiam fazer os mais sofisticados tratamentos com segurança. Esse cenário dificultava o aparecimento de centros clínicos privados, que não tinham como competir.

Em São Paulo, no entanto, a situação era bem diferente. Não encontrando uma gama de hospitais públicos tão eficiente quanto no Rio, diz João Maurício, os privados encontraram campo fértil para se instalar e crescer, oferecendo atendimento de qualidade.

— Com a transferência da capital para Brasília e a queda da qualidade dos serviços públicos, o Rio dormiu com uma boa rede de hospitais e acordou com o que todos já conhecem: doentes atendidos em pias, falta de material. Mas uma boa administração é o tratamento para esta doença.